

ALVORADA

1.º Anno

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 37

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues

Redacção e administração
Rua da Republica
GUIMARÃES

Redactor principal,
Capitão Luiz Augusto de Pina Guimarães
Propriedade da Empresa da ALVORADA
Guimarães, 3 de agosto de 1911

Administrador,
A. L. de Carvalho

Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesse
R. DE PAYO GALVÃO

Commemorando o 8.º centenario de Affonso Henriques

Primeiros annos do governo de Affonso Henriques. Aprecação do caracter politico e do governo de D. Thereza por Alexandro Herculano

Ao entrarmos na historia da monarchia portugueza, agora que vamos ver nascer o sol da nossa nacionalidade, accendendo mil chispas deslumbrantes no montante do vencedor d'Ourique, depois de termos contemplado a sua procellosa aurora, seja-nos licito citar as palavras do mestre, e transcrever o juizo que Alexandre Herculano forma sobre o governo de D. Thereza, e sobre o estado dos espiritos em Portugal, quando a sua nacionalidade se ia afirmar esplendidamente ao sol das batalhas:

«Os escriptores modernos, empenhados em salvar a reputação moral de D. Tareja como mulher, esqueceram-se de lhe fazer justiça como rainha ou regente de Portugal. Tem-se dissertado largamente sobre o seu consorcio com o conde Fernando Peres, que nada nos autorisa a admitir, emquanto o valor historico do seu governo é perfeitamente desprezado. Todavia durante quatorze annos os actos da viuva do Conde Henrique mostram bem a tenacidade e destreza com que buscou desenvolver e realisar o pensamento da independencia que elle lhe legára. Cedendo á força das circumstancias, não duvidava reconhecer a supremacia da corte de Leão para obter a paz quando della carecia, salvo o recusar a obediencia quando cria possivel o resistir. Associando-se habilmente aos bandos civis que despedaçavam a monarchia leoneza, ia creando no meio della para si e para os seus uma patria. Apesar das invasões dos Christãos e Sarracenos, e das devastações e males causados por uns ou por outros nos territorios dos seus estados, cresceram em população, em riquezas, e em força militar. Pelas armas e pela politica augmentou a extensão dos proprios dominios ao oriente e ao norte, conservando no meio-dia a linha das fronteiras, que seu marido já lhe deixara encurtada. O castigo dum erro, que, medido pelo costumes do tempo, estava longe de ser imperdoavel, parece-nos demasiado severo, e o procedimento dos barões portuguezes para com ella merecera dos desprevidos a imputação d'ingrato. D. Tareja foi victima d'um sentimento nobre em si, mas ás vezes excessivo e cego, que ella tinha feito crescer, radicar-se, definir-se, e que serviu de grito de revolta

á ambição d'Affonso Henriques, ou antes á d'aquelles que, por meio do inexperiente principe, esperavam melhor satisfazela. Este sentimento era o da nacionalidade. A Chronica dos Godos que, narrando os successos de 1128, toma o estylo d'um libello, não era provavelmente mais que o ecco da opinião vulgar. Ah! os Gallegos são tratados d'estraneiros ou forasteiros indignos. Esta denominação d'imperio, que, applicada vinte annos antes aos habitantes das outras provincias da monarchia fundada por Pelagio, seria inintelligivel em Portugal, estreiava por uma revolução gravissima a sua fortuna popular de sete seculos.» (1)

Aqui está, segundo o parecer do nosso grande historiador, qual fôra a politica de D. Tareja: a astucia primeiro que tudo, a guerra, quando a podia fazer com vantagem D. Affonso, proseguindo nos mesmos intentos politicos, modificou-os na execução como convinha a um homem essencialmente trabalhador. A força das armas primeiro, a manha, quando se tornava necessario, e nesse caso muitas vezes era pouco escrupuloso, durante a primeira parte do seu governo foi para o lado da monarchia leoneza que elle procurou, como seu pae e sua mãe, a dilatação do novo estado, e talvez se consumisse em discórdias estereis com seus irmãos de crença a brilhante juventude do principe guerreiro, se uma atrevida incursão dos mahometanos não despertasse imprudentemente o leão, e não transformasse o turbulento principe D. Affonso nesse terrivel Ibn-Errik, como os historiadores arabes lhe chamam, cujo nome foi o terror, cuja espada foi o açoite dos Sarracenos.

Guerra na Galliza. O Castello de Celmès fundado e perdido. Allianças de Affonso com o rei de Navarra e alguns fidalgos — Victoria de Cernefa.

Effectivamente, nos primeiros annos do seu governo occupam-n'o exclusivamente as guerras com Leão, que pretende reivindicar a a suzerania de Portugal. Em 1130, anno da morte de D. Tareja, invasão triumphal d'Affonso Henriques na Galliza; em 1131 conspiração de Bermudo Peres, irmão de Fernão Peres de Trava, e senhor do Castello de Seia. A conspiração foi descoberta, e Bermudo Peres teve de se refugiar na corte d'Affonso de Leão. De 1132

(1) A. Herculano, Historia de Portugal, Livro I in fine, pag. 293 e 294.



Estatua de D. Affonso Henriques
BRONZE DE SOARES DOS REIS

a 1135 novas invasões na Galliza; na primeira o infante portuguez é desbaratado, na segunda é vencedor, e funda o Castello de Celmès, que é depois cercado e tomado pelo proprio Affonso VII que vem á Galliza em pessoa reprimir a audacia do primo, audacia tanto mais notavel, quanto a fortuna sorria por toda a parte ao joven rei de Leão. Os emires arabes curvavam-se diante d'elle, reconhecendo-se seus vassallos, como fez o emir de Roda;..... a morte fizera desaparecer da scena politica das Hespanhas o vulto que lhe podia fazer sombra, o d'Affonso d'Aragão o Lidador, seu terrivel padrao. Deslumbradas pela extensão dos seus vastos dominios, as cortes de Leão de 1135 deram-lhe solemnemente o titulo d'imperador, e entretanto o audacioso chefe dum punhado de barões altivos habitando um pequeno tracto de terreno banhado pelas vagas do Oceano, mas tambem como as vagas do Oceano indomavel, senhor duma provincia quasi que subrepticamente desmembrada da monarchia, cusava não só proclamar-se independente, mas até invadia o territorio de

Leão, e obrigava um tão poderoso monarcha a vir pôr um freio ás suas correrias! «Sem a menor sombra de vaidade nacional, diz a proposito disto o snr. Alexandre Herculano, parece-nos ser licito dizer que o esforço e constancia dos Portuguezes e do seu principe nesta conjuntura é um dos mais bellos exemplos daquella energia moral, de que tão rica era a idade media, e a troco da qual a Europa moderna tem ido comprando a brandura do trato entre os homens, e os commodos da civilisação.» (1)

A tomada de Celmès conteve algum tempo D. Affonso Henriques, mas para aquelle animo bellicosos a paz era a tregua e o repouso servia-lhe só para espreitar as circumstancias e armar em segredo o pulo. Não tardou a vir o ensejo d'embarcar de novo o broquel e d'enristar a lança contra os de Leão. Esse ensejo foi o seguinte: morrêra, como já dissemos, D. Affonso o Lidador, Rei de Aragão, e a monarchia desmembrara-se logo, como succedia quasi sempre depois da morte do soberano em qualquer dos grandes Estados da Peninsula, Aragão ou Leão. Affonso reunira debaixo do seu sceptro o Aragão propriamente dito e a Navarra, morrendo elle, os dois reinos, mal cimentados desconjuntaram-se de novo. Caiu a Navarra nas mãos dum descendente dos antigos reis d'aquella provincia. D. Garcia, o Aragão ficou pertencendo a D. Ramiro, irmão do fallecido. Entendeu o monarcha leonez que tambem tinha direito á successão do padrao, e marchou para o oriente da peninsula. Garcia resguardou-se da procella, reconhecendo a suzerania d'Affonso VII, como já dissemos. Ramiro fugiu de Saragoça, onde o imperador entrou triumphantemente, tomando desde logo o titulo d'imperador de Leão e Castella, Saragoça e Navarra.

O rei D. Garcia não viu isto com bons olhos apezar de se ter sujeito ás circumstancias; convidou-o a fama d'heroismo d'Affonso Henriques.

Era natural uma alliança entre elles, visto ser-lhes commum o inimigo; a alliança realisou-se, e para lhe cumprir as condições entrava Affonso Henriques em 1137 em tom de guerra pelo territorio da Galliza. A fortuna ainda uma vez sorriu ao infante provendo d'alliados no coração do paiz inimigo, em virtude do espi-

(1) A. Herculano, Hist. de Portugal, vol. 1.º Livro II, pag. 306.

rito revoltoso dos fidalgos gallegos. Foram esses alliados os condes de Toronho e Limia, Gomes Nunes e Rodrigo Peres. Forte com o seu auxilio, perito já em annos juvenis na arte da guerra do seu tempo, que não era muito complicada, favorito da fortuna como rapaz, e como audacioso, Affonso Henriques destroçou os leonezes em repetidos recontros.

Tomando e guarnecendo Castellos, só voltou a Portugal quando a propria victoria lhe diminuiu os soldados. Reforcado com tropas frescas, tornou á Galliza, desbaratou os mais illustres capitães d'Affonso VII em diferentes pelejas, e principalmente na batalha de Cerneja e não pararia tão cedo na sua ira triumphal, se um acontecimento inesperado não chamasse de subito a sua attenção para as suas fronteiras meridionaes.

Perda de Leiria e destroço de Thomar

A guerra com os Sarracenos durante estes primeiros nove annos de governo d'Affonso Henriques, 1128—1137, consistira apenas em correrias de fronteiras. O infante occupado principalmente na Galliza, provêra mais á defeza dos seus Estados ao sul do que a aggressão. Guarnecera bem a linha defensiva de Coimbra, e levantara um novo Castello, collocado audaciosamente como vedeta, como sentinella perdida na vanguarda das fronteiras christãs. Era o Castello de Leiria, onde em rude escola se amestravam os inimigos da fé mahometana. Comandava este baluarte do christianismo um heroico fidalgo, Paio Guterres, cujo nome era o terror dos Sarracenos. Em audaciosas correrias Paio Guterres obrigava as guarnições de Cintra, Lisboa e Santarem a presencarem a devastação dos campos sem ousarem impedir-a; mas as humilhações iam-se accumulando no espirito dos mussulmanos que esperavam sempre tirar um dia ampla vingança. Proporcionou-lhes eusejo a campanha da Galliza, que occupava ao norte as forças disponiveis d'Affonso Henriques. Reunindo-se em numero sufficiente assaltaram Leiria, tomaram-na e derrotaram ao mesmo tempo em Thomar um corpo de tropas Christãs que ou vinha em soccorro de Leiria ou desejava tirar a deforra da perda do Castello. O heroico Paio Guterres conseguiu escapar-se, mas o effeito moral não fôra por isso menos desastroso e o susto espalhara-se pela fronteira christã.

Paz de Tuy com o Imperador Affonso VII

Affonso Henriques viu de longe o perigo e não hesitou em sacrificar todas as suas ambições para conjurar a tempestade ao sul. Affonso VII marchava contra elle; Affonso Henriques apressou-se em pedir a paz e aceitou-a apesar de ser um pouco humilhante.

E' verdade que Affonso Henriques, com a prespicacia do genio advinhara, quarenta annos antes dos jesuitas, a subtilidade da restricção mental. Assignava facilmente tratados pouco gloriosos, mas com o pensamento reservado de os não cumprir. Affonso VII pelo caso de Guimarães devia estar sciente disso mesmo; comtudo, como tambem precisava de socego, assentou em Tuy as pazes com seu primo, contentando-se em dictar as condições, que eram, como dissemos, humilhantes, sem chegarem comtudo a impôr a vassalagem. Vassalagem era essa que os reis de Leão estavam já resignados a considerar como historia antiga. Concluida a paz Affonso Henriques voltou as suas atenções para o sul. Mal sabiam os Sarracenos que rugidor Leão tinham cometido a imprudencia d'ir despertar no seu antro.

Não tardaria que lhe sentissem as garras. O nome chamonejante d'Ibn-Errik vai resplandecer sinistramente, como o nome do Azrael, nas paginas dos chronistas musulmanos.

Jornada de Ourique. A questão do celebre milagre. Importancia da batalha. Apreciação critica.

Eis-nos chegados a uma época espinhosa para nós que seguimos de longe, *non passibus equis*, o eminente escriptor que deramou tão vivida luz nos penetraes da nossa historia. Neste ponto as suas asserções foram violentamente combatidas, e combatidas do modo mais inesperado e estranho. Já vão longe de nós esses annos procellosos, e a nova geração ouvindo os eccos da luta, não pode deixar de se sorrir vendo com que armas primitivas foi o snr. Alexandre Herculano salteado. A sciencia séria não formulou com elle uma unica objecção; foi em nome do amor da patria, em nome da gloria nacional que se desfraldaram as bandeiras contra quem ousasse tocar na area santa das nossas velhas tradições. A questão estabelecia-se com esta ingenuidade primitiva: Fosse ou não fosse tão importante, como resa a tradição, a batalha d'Ourique, tivesse ou não tivesse a influencia, que se lhe attribue sobre a fundação da monarchia portugueza, o historiador deve acceita-la, como demonstrada com todas as suas circumstancias e com todos os seus accessorios, sob pena de se tornar réo de leza-gloria nacional!

De fórma que a historia, em vez de ser a severa e escrupulosa investigadora do passado, tornava-se cúmplice de todas as vaidades nacionaes, e nem ao menos cúmplice tacita mas cúmplice a quem em alta voz se aconselhava a cúmplice. A julgadora imparcial desautorisa-se a si mesma, proclamando aos estrangeiros, aos contemporaneos, á posteridade: «Não acho documentos bastantes para me comprovarem este facto, mas aceito-o porque elle é glorioso para a patria, e porque pô-lo em duvida seria menoscabar as tradições offender o sentimento nacional.» Os estrangeiros, os posteros, quando quizessem escrever a historia da nossa nação ao pegarem no livro do escriptor ingenuo, que fizesse o que o snr. A. Her-

culano foi tão accusado por não ter feito, pô-lo-hiam de parte dizendo: E' muito respeitavel o sentimento que o guia mas inutilisa-o para expositor de factos. Quem sacrifica ao amor da patria a imparcialidade historica não merece que se lhe dê credito numa só das suas asserções. Note-se que não proclamamos a infallibilidade do snr. Herculano; Estranhámos apenas que se lhe não reconhecesse o direito d'avaluar segundo a sua consciencia historica a falsidade dos acontecimentos que a tradição lhe apresentava. Quem o quizesse combater devia combater-o com as mesmas armas; documento contra documento, apreciação contra apreciação, mas o sentimentalismo, o amor da patria, o respeito pelas tradições nacionaes não tinham que vêr na luta. O patriotismo é uma nobre paixão, e prouvera a Deus que ardesse bem viva no coração de todos os que pugnavam em nome della contra a verdade historica; mas é uma paixão e por isso mesmo deve o historiador cuidadosamente desviar-a do animo, para que lhe não turve a limpidez. Deus nos livre do patriotismo na historia: — basta para lhe fazer perder todo o valor scientifico. E senão diga o leitor se confia amplamente no historiador estrangeiro que exalta sempre os seus compatriotas, diga se o amor da gloria da França, e do homem que no principio deste seculo lhe representou os destinos não prejudica aos nossos olhos a importancia da magnifica *Historia do Consulado e do Imperio*. Sintase o patriotismo no estylo, transpareça no ardor epico da descripção das victorias, nos crepes negros que enlucem a phrase, quando pintar as catástrophes; mas no fundo, na apreciação dos factos haja sempre a mais severa imparcialidade; só assim se poderá fazer uma historia definitiva, e completa, só assim poderá inspirar plena confiança ao leitor, seja inimigo ou amigo.

Estas verdades, hoje triviaes, não o eram comtudo em 1850, como o provam os numerosos folhetos, então publicados. A importancia da batalha d'Ourique ninguem a defendeu scientificamente, a não ser Antonio Caetano Pereira, e esse mesmo ainda que se lhe admittam como verdadeiras todas as razões que allega, muitas das quaes o homem mais profano em arabias reconhece como absurdas, deixa ficar intacto o facto principal que nem mesmo procura rebater, isto é que a batalha d'Ourique foi absolutamente sem consequencias para o engrandecimento do territorio e poderio portuguez. Não tocamos nem mesmo de leve na questão do apparecimento de Christo. A historia séria, a historia debaixo do ponto de vista humano, a historia como no seculo XIX se escreve, não acceita nem regeita estes factos milagrosos, passalhe de largo. Não são do seu dominio, nada tem que vêr com elles. O snr. Alexandre Herculano nem mesmo discutiu o milagre, discutiu o documento e declarou-o falso, exilando essa asserção para uma nota, e comprovando-a depois nos numerosos folhetos que se viu forçado a escrever. Tal questão é completamente alheia á indole deste livro. Não succede

o mesmo á da importancia da batalha d'Ourique. Essa tinhamos d'acceita-la e d'estudal-a. Mas este livro o que pretende? Pôr ao alcance de todos a historia do nosso paiz, tal como a tem elucidada a critica moderna. Nella só poderemos dar entrada aos factos incontestados, não os aceitando ás cegas, nem repellindo-os inconsideradamente. Ainda que nos inclinamos francamente para a opinião do snr. Alexandre Herculano, comtudo não acceitaremos senão aquillo que os mesmos adversarios não ousaram combater. As conjecturas, e conjecturas que soffreram contradicção, ainda que frouxa. Não as levantaremos, e limitar-nos-hemos a expôr a verdade, que sahio da contenda incolume e radiosa. O ponto emquanto a nós ainda conjectural é o seguinte: Foi ou não importante a batalha d'Ourique em si? Entraram ou não em combate numerosas forças musulmanas?

O ponto incontestado é o seguinte. A batalha d'Ourique não fundou a independencia portuguesa; a batalha d'Ourique não teve consequencias d'importancia alguma. Para isso nem precisamos d'outras provas senão do encadeamento de factos adquiridos sem contestação pela historia.

A batalha d'Ourique foi dada em 1139 no coração do Alemtejo, e em 1147 é que se tomou San-

Daria se a victoria tivesse de ser a gloriosa confirmação do titulo, se obrigasse os vencidos a reconhecerem-no. Mas uma victoria, dez, trinta victorias contra Sarracenos nada serviam para confirmarem o régio titulo ao principe portuguez. Não eram os Sarracenos que lh'o disputavam, era Affonso de Leão que lh'o negava. Uma victoria ganha sobre o seu pretendido suzerano dava séria importancia á aclamação da sua nobresa, e firmava devéras a corôa na fronte heroica do moço principe. Essa aclamação numa batalha contra os Sarracenos que não queriam saber se o inimigo se chamava conde, infante ou rei nem mesmo se era independente ou vassallo era uma manifestação sem valor algum, quem nem sequer tinha o merecimento de ser a primeira, porque sabemos pelos documentos e pelos chronistas coevos que havia muito tempo já que o povo dava ao seu chefe o titulo de rei sem elle comtudo ousar ainda tomal-o. (1)

Assim temos definitivamente estabelecido e sabido indisputavel e indisputadamente das investigações do snr. Alexandre Herculano, e das induções que nós mesmos logicamente tiramos dos acontecimentos historicos, que a batalha d'Ourique, ainda mesmo que fosse muito sanguinolenta e pelejada, o que o snr. Alexandre Herculano nega com bastantes probabilidades, não teve comtudo consequencia importante para o nascente reino.....

Affonso Henriques devastou a provincia, destroçou completamente os inimigos que ousaram esperal-o em Ourique, e voltou para os seus Estados depois de ter espalhado o terror nas cidades musulmanas, e sem que os inimigos, encerrados prudentemente nos muros de Santarem e de Lisboa, ousassem sahir a inquietar-lhe a entrada.

Renovação das discordias com o Imperador

A expedição era brilhante; a sua mesma temeridade, que um cabo de guerra experimentado de certo reprovaria, dava mais resplendor a esta subita revelação do novo guerreiro que os musulmanos iam encontrar diante de si. Mas uma nova prova de que a batalha d'Ourique não teve a importancia que por muito tempo se lhe attribuiu é que em vez de proseguir nas suas victorias contra os Sarracenos, d'aproveitar e merecer os favores do Deus dos exercitos, voltou logo as suas armas contra os seus irmãos de crenga e já no fim desse anno de 1139 rompia o tratado de Tuy e invadia em som de guerra a Galliza, como quem se distrahiria um instante da sua occupação principal, para tirar aos musulmanos o gosto de o interromperem, mas que, dada a severissima lição, tornava a tratar do que tinha principalmente a peito, a conquista do reconhecimento da sua independencia e a ampliação do seu territorio para o lado do norte e do oriente.

(1) Veja-se a este respeito a luminosa exposição da nota xviii do 1.º volume da Historia de Portugal do snr. A. Herculano, pag. 489 e 492.

Recontro de Valdevez

Vouo do sul ao norte com elle o anjo da victoria, e se effectivamente o Deus dos exercitos lhe fivoneou as bandeiras desfraldadas contra os inimigos da fé, não se irritou vendo que essas bandeiras abençoadas as fazia elle tremular logo em seguida no campo das pelejas fraticidas, ou que assim deviam ser consideradas debaixo do ponto de vista religioso. Corréra Affonso VII ás suas fronteiras ameaçadas, apenas soube que o primo rompêra a paz que elle mesmo pedira. Invadindo Portugal tomando e arrasando alguns castellos e poderoso monarcha de Leão desceu das montanhas do Suajo na direcção de Valdevez, mas, prompto como o raio, corréra Affonso Henriques ao encontro do invasor. O desbarato completo da vanguarda do rei leonez foi o signal da chegada do vencedor d'Ourique, e logo depois que D. Affonso VII soube, pela fuga desordenada de poucos cavalleiros, reliquias da hoste perdida, que desastre inaugurava a campanha, apparecia o filho de Tareja coroando com o seu exercito pequeno mas aguerrido as alturas de Valdevez, e ameaçando os leonezes com mais completa derrota. Uma especie de torneio com que alguns cavalleiros principaes d'ambos os partidos preludiariam a batalha, e em que ficou a vantagem aos de Portugal, augmentou o numero de funestos presagios que desanimaram o filho de D. Urraca. E' certo que no seguinte era elle quem descia a implorar a paz, mas ficando ainda poderoso bastante para não acceitar quaesquer condições que aprouvesse a D. Affonso Henriques impôr-lhe. O resultado desta situação duvidosa foi uma simples tregua assignada por alguns annos, durante os quaes se iriam lançando os preliminares duma paz duradoura e honrosa para ambos os partidos.

Desbarato dos invasores de Trancoso

Logo na primavera de 1140, como dissemos, teve D. Affonso Henriques de correr a Trancoso a repellir os musulmanos anciosos de vingarem a derrota de 25 de julho de 1131 nos campos d'Ourique, o que prova, acrescentamos nós, que essa correria de D. Affonso Henriques no Alemtejo foi mais brilhante talvez, mais audaciosa decerto do que as correrias habituaes, mas que não teve o caracter decisivo que a tradição nacional lhe attribuiu. E' por esta época que o snr. Alexandre Herculano suppõe que tomou D. Affonso Henriques o titulo de rei, tanto porque é de 10 de Abril de 1140 o primeiro documento em que assume esse titulo, havendo um diploma de 1 de Outubro de 1139 em que ainda se intitula infante, como porque todas as probabilidades apoiam effectivamente esta opinião.....

Conquistas sobre os moiros

Agora que Portugal conquistou pela energia do seu jovem chefe, e pela tenacidade e união dos seus nacionaes, a autonomia cubçada, agora que o rei de Leão já teve de se resignar e de reconhecer a existencia desse novo estado independente sancionado pela auctoridade moral do pontifice, voltemos os olhos para o Sul e veremos Portugal ir-se ampliando até chegar aos limites definitivos. Até aqui a luta principal foi com os leonezes, a mesma batalha d'Ourique não foi senão um episodio secundario;



CASTELLO DE GUIMARÃES—MONUMENTO NACIONAL

tarem, Lisboa, Cintra, Palmella, Almada, em 1158 Alcaeer, quer dizer ganha-se uma batalha tão importante, e não se adquire um palmo de terreno, as fronteiras portuguezas não avançam uma pollegada, e a torrente dos cavalleiros portuguezes, sulcando as provincias musulmanas, reflue para aquem do Tejo deixando apenas no seu caminho um rasto de devastação. Mas em troca inflige-se uma tal lição aos Sarracenos que estes fiquem para sempre respeitando o territorio portuguez, e que não ousem mais franquear a linha divisoria tracada pelo montante do vencedor d'Ourique? Tambem não.

Leiria e Trancoso destruidas

Na primavera de 1140 os musulmanos atravessam o Tejo, tomam de novo e arrazam Leiria, internam-se em Portugal, e chegam a Trancoso que arrasam egualmente, e onde são outra vez desbaratados pelo terrivel Affonso que voara do norte em defesa das suas fronteiras! Então por que foi finalmente a batalha d'Ourique o ponto de partida da monarchia portuguesa? Porque nessa batalha os Portuguezes entusiasmados aclamaram rei o seu valoroso chefe? Admittamos a tradição como verdadeira, apesar das considerações que militam contra ella. Mas esse facto dava importancia á batalha?

agora a luta principal vai ser com os Sarracenos; e as discórdias com Leão, ainda mesmo que tomem certa gravidade, passam a figurar no segundo plano.

Eram tres as provincias que no territorio que havia de constituir o reino de Portugal, pertenciam então aos Sarracenos, a de Belatha, a d'Al-Kasar, e d'Al-Fagher. A primeira comprehendia o terreno ainda musulmano que ficava ao norte do Tejo e era dominado pelas cidades de Lisboa e Santarem, e pelo castello de Cintra; a segunda comprehendia todo o moderno Alentejo e uma porção da Hespanha limitrophe, as suas cidades e castellos principaes eram Badajoz, Xerez de los Caballeros, Evora, Merida, Alcantara, Coria, Elvas, Beja, Alcacer do Sal, Moura e Serpa; a terceira tambem denominada Chenchir, abrangia o Algarve e tinha por povoações principaes Faro, Mertola, Silves, Estoi e Tavim. Era este o territorio por onde se ia espriar a torrente dos cavalleiros portugueses, ufanos da sua recente independencia, guijados á victoria pelo seu heroico chefe, que queria consagrar no turbilhão das pelejas a corôa que em pelejas conquistara.

Tomada de Santarem, Lisboa, Cintra e outros logares

Em 1147 é Santarem tomada por surpresa. O proprio D. Affonso Henriques á testa dum troço dos seus cavalleiros avança pela calada da noite a derrubar no alto das muralhas sombrias a meia-lua musulmana fluctuante ao sopro da viração noturna. Nesse mesmo anno uma esquadra de duzentas velas, levando para a Cruzada pregada por S. Bernardo os devotos cavalleiros de Flandres, Lorena e Inglaterra vem arribar aos portos de Portugal. Já annos antes uma outra esquadriha fizera o mesmo e Affonso Henriques, persuadindo os navegantes a que principiassem na Europa a ganhar as indulgencias prometidas, levava-os consigo numa correria contra os Moiros.

Tinham só devastado os arredores de Lisboa e Santarem, mas esta nova esquadra cujo commando supremo vinha confiado ao Conde Arnulfo d'Areschet, cavalleiro flamengo era muito mais poderosa, e podia ser auxiliar em mais momentosa empresa. A que Affonso Henriques tinha a peito era a tomada de Lisboa. No Porto se combinou tudo entre os Crusados e o rei de Portugal, e a 28 de junho de 1147 trez mezes e meio depois da tomada de Santarem (15 de março) estava cercada a já então populosa Lisboa ao norte pelos Portuguezes, a leste pelos flamengos e allemães e a oeste pelos inglezes. Ao sul ficava o rio e no rio a esquadra. Quasi quatro mezes durou o cerco, e durante elle praticaram-se inauditos actos de valor, e tambem de ferocidade; empregaram-se todos os recursos da engenharia do tempo, até que a 21 de outubro a cidade capitulou, cedendo aos cruzados riquezas publicas e particulares, e reconhecendo, terras e habitantes, o senhorio do rei de Portugal. As condições eram tão duras como a cidade fosse tomada de assalto, accetando-as esquivavam-se os Musulmanos apenas ás violencias do saque a mão armada.

A tomada das 2 cidades principaes da provincia da Belatha arrastava consigo a da provinciada, e dos castellos alem-Tejo que eram para assim dizer vedetas destacadas de Lisboa taes como Palmella e Almada; o castello ro-

queiro de Cintra rendeu-se tambem então, e os Arabes voluptuosos tiveram d'abandonar para sempre esses encantados sitios, onde a memoria ainda hoje vive e onde por entre as nebrinas da madrugada parece que fluctuam ainda no alto da serra os phantasmas saudosos desses poeticos filhos do Oriente.

Desaparece nas historias contemporaneas a memoria destes cruzados que tão valioso auxilio deram aos nossos antepassados e não se sabe se proseguiram na sua viagem para a Palestina, se regressaram á Patria; sabe-se apenas pelos documentos portuguezes que muitos delles ficaram estabelecidos nos arredores de Lisboa, onde povoaram muitas villas e aldeias.

AFFONSO HENRIQUES

Guimarães veste as suas melhores galas, engrinalda-se de flores para comemorar a data mais brilhante da historia nacional, da qual Portugal se orgulha de ser nação independente. Oito seculos decorreram já sobre as cinzas do immortal Heroe que á custa do seu braço audaz conquistou o talisman mouresco para podermos figurar na historia das nações livres. Todas as idéas morrem com o tempo, tudo se transforma com a evolução dos seculos, só uma idéa ha que nunca morre, que nunca se extingue;—é o espirito da independencia. Embora muitas vezes se empreguem os meios mais violentos e despoticos para destruir essa idéa do peito de muitos vencidos, embora lhe arranquem tyrânicamente as suas instituições, os seus cultos e linguas, embora lhe tirem tudo enfim, uma cousa ha que não lhe podem tirar; é a terra aonde jazem os ossos dos seus antepassados, vivificados ainda por um espirito—o espirito nacional que falla no fundo de todos os corações. Quando este sentimento nobre e generoso liga os homens n'uma mesma idéa fraternal e os mantém unidos na mesma communhão de principios, elles não-de, sem duvida, mais tarde, dar uma prova eloquente da sua vitalidade, emancipando-se do jugo que os opprime e tornando-se livres segundo é lei natural.

Por isso Affonso Henriques não era para as hostes portuguezas a voz d'um jovem piedoso e crente a evocar a religião de Christo; era pelos seus labios que a voz d'antiga Patria chorava de saudade e estremecia de alvoroço; era a voz de Viriato e de muitos outros que então pelejavam ao lado dos vivos. O principe lidador ao ver surgir o sol d'uma futura Patria radiante de esperanças e, em cujo horizonte via a sua independencia assegurada no seu valor, lançou-se abertamente no caminho das conquistas, embora por vezes tivesse de transpôr duas barreiras invencíveis—vassalagem ao rei de Leão e a invasão dos mouros por todos os lados do territorio.

Mas Affonso Henriques nunca recuou diante da eminencia do perigo nem succumbia de desânimo perante o valor das forças inimigas. A sua espada bateu-se sempre energeticamente contra outra espada e a couraça do seu peito resistiu sempre aos impetos da lança inimiga.

Em S. Mamede derrota as tropas de sua mãe, não por indole de pessimo filho, mas tam somente por ver ameaçada a independencia do condado devido a intimas relações de sua mãe com o conde Trava, fidalgo vendido á nobreza de Leão. Na occasião em que foi posto o cerco de Guimarães, facto este que já deturpar a sublime obra da independencia nacional, D. Affonso nem num estante pensou no perigo eminente que o cercava, pensava só em emancipar-se da influencia do conde gallego e proclamava a intenção de assumir as rédeas do governo que sua mãe obstinava em não querer entregar-lhe. Só Egas Moniz vendo o risco em que estava o principe portuguez, dirigiu-se ao campo inimigo, assegurando debaixo da sua honra ao rei de Leão a vassalagem exigida. Foi grande o espanto de D. Affonso ao ver aquelle prodigio, recusando-se a cumprir, logo que teve conhecimento, da triste humilhação que Moniz tinha assegurado. Porém Egas Moniz lembrando-se que não podia cumprir o que antes havia prometido, dirigiu-se segundo diz a lenda a Toledo, para pagar ao rei de Leão com a sua vida e com a dos seus o seu fiel juramento. Mas o principe portuguez continua as guerras com Leão a quem infligiu sempre as maiores derrotas, e desbaratou os mais illustres generais como por exemplo na batalha de Cerejeja.

Entretanto os mouros atacam-lhe o castello de Leiria, ao mesmo tempo que Paio Guterres, commandante das tropas christãs era tambem derrotado. Pediu logo D. Affonso a paz a seu primo e accetou-a em Tuy em condições humilhantes, para ir ao encontro dos mouros que derrotou na gloriosa jornada d'Ourique.

Ahi, n'esse campo que depois se tornou lendario, desbaratou cinco poderosos reis cujo chefe era Ismar, apesar do seu exercito ser tam reductivel em comparação ao exercito mouro.

D'aqui nasceu a lenda d'Ourique (aparição de Christo a D. Affonso) que mais tarde foi contestada pelo eminente historiador A. Herculano e outros criticos auctorizados. Da volta d'Ourique rompe D. Affonso com o tratado anteriormente feito em Tuy, encontrando-se de novo com o exercito de seu primo em Arcos de Val-de-Vez, em cujo encontro, especie de justa ou torneio obteve pelo menos algumas vantagens. Tratou depois de estabelecer definitivamente a paz com seu primo, como havia sido ajustado em Val-de-Vez e em um convenio a que assistiu o cardeal Guido, delegado do papa Innocencio II, sendo desde então reconhecido o titulo de rei ao infante portuguez. Estava portanto materialmente consumada a separação de Portugal.

Mas D. Affonso Henriques querendo quebrar o extenso fio que o prendia á Hespanha, recorreu á protecção do pontifice e prestando homenagem á Santa Sé da qual se tornou feudatario, obrigando-se a pagar annualmente quatro onças d'ouro que depois elevou a dois marcos.

Conseguiu acabar com todos os litigios de dependencia para com o rei de Leão, continuando sempre a ampliar o territorio do seu reino por meio de successivas lutas com os mouros. Aproveitou-se algumas vezes do auxilio dos cruzados que se dirigiam á Palestina, os quaes lhe ajudaram a tomar Lisboa depois d'uma resistencia heroica. E assim numa synthese muito pouco desenvolvida, o principe portuguez mostranos o valor da sua espada, a força heroica do seu braço, a sua grande tactica guerreira, embora muitos criticos, sem attender as necessidades da occasião nem aos perigos do momento, lhe chamem o saltador da idade-media. Por isso honra a Guimarães que n'um impulso patriótico, presta homenagem ao fundador da nossa Patria e seu mais illustre filho, e, essa homenagem, essa apothose ao primeiro rei portuguez tem tanto mais valor, quanto é certo que hoje reina nas terras conquistadas pelo seu braço heroico o sol benéfico da Liberdade.

Spes.

As Festas da Cidade

Será inolvidavel de deslumbramentos e galhardias a festa que traz a cidade em actividades e enthusiasmos patrioticos.

O movimento que ellas antecipadamente vem imprimindo entre nós é segura garantia de que revestirão brilhantismo nunca excedido, tal é o atarefado cuidado que se denota, já ornamentando essas praças e ruas do costumado circuito, já procedendo á elaboração artistica dos carros que não-de figurar no grande Cortejo Historico e inumeras e engenhosas phantasias que não-de brilhar na *Marcha Milaneza*, bem como outros e diversos numeros dum programma selecto e magnifico.

Festas delineadas sob a feição dum espirito moderno e superior a ellas não falta o lado que imprime cunho e feição educativa nas multidões festivas pois nella se celebra a passagem do 8.º centenario de Affonso Henriques, o primeiro vimaranense que, como a historia reza, foi o fundador desta nacionalidade, que hoje vive e quer viver com gloria adentro da Republica.

Teem as *Gualterianas* justa e larga fama para que nos dispensemos de as embelezar com grinaldas de adjectivos encomiasticos. Venham até nós todos os que querem viver uns dias de emoções fortes, impressionantes de novidade e gosto, e verão que não perdem o seu tempo.

Bemvidos sejam.

Sabemos que os hotéis teem providenciado no sentido de evitar a unica razão de queixa que das festas *Gualterianas* se tem levantado.

Deve ser positivo que se um ministro do governo não vier assistir á commemoração centenaria, o illustre Governador Civil Dr. Manoel Monteiro virá investido dessa representação.

Alguns periodicos do Porto e Lisboa enviam representantes directos para fazer a reportagem das grandiosas festas.

Affirma-nos a commissão encarregada de pedir a ornamentação dos predios durante os tres dias das *Gualterianas* que por todos fora bem recebida. De esperar é que não sejam desmentidas as boas esperanças.

O snr. Bernardino Jordão, director da luz electrica e membro da Commissão delineadora do programma geral vai—emfim!—fazer substituir aquelles postes (?) da Praça da Republica do Brazil.

As feiras *Gualterianas* promettem ser fartas. A commissão da remonta do exercito vem disposta a adquirir o gado que appareça em condições.

O feticchismo real

Continuam a exhibir-se por ahi, em algumas lapelas, medalhinhas do pimpolho real que, á distancia, vai gosando esta asnice provocante.

Achamos bem, para não desmanchatmos a compostura festeira com que nos adornamos nestes dias aos olhos do forasteiro amigo, que taes creaturas se dispam de semelhantes veneras evitando assim um ridiculo, quem sabe se com a intervenção da policia.

O mesmo concelho deve, em nosso entender, ser aproveitado para outras semelhantes revelações serodias, já agora, por amor á terra.

Jornal para todos

...Snr. Redactor.

Permitta-me V... que ocupe um cantinho do seu jornal para protestar contra a forma indecente, é o termo, porque estão dispostas no Campo da Feira as baracas em frente da dos *tres vintens*. Aquillo não pôde continuar a attestar a falta de senso de quem superintendeu em tal serviço.

Disponha Sr. Redactor do seu amigo

A. J. d'A. M.

...Snr. Redactor

E' deploravel, como V... sabe, aquelle cartaz que o snr. Marques da Silva pintou para a romaria de S. Torquato e d'elle muitos exemplares ainda por ahi se ostentam nas esquinas das ruas. Para as proximas festas d'agosto teremos em Guimarães muitos visitantes e assim aquelle abôrto se patenteará a seus olhos. Não seria bom pedir á nossa Ex.^{ma} Camara para os mandat tirar pelos encarregados da limpeza das ruas? Tirando-os poupava-se mais uma vergonha ao snr. Marques da Silva e os nossos nervos não mais se irritariam ao vêr aquella mão esquerda no braço direito do homem do zabumba. Ou será para que pareça que o zabumba é tocado por outro. Ahi fica a lembrança e pela sua publicação muito grato desde já se confessa o de V...
J. G. P.

MORTOS

Capitão Antonio Infante

Morreu o capitão Infante, o conhecido e popular correspondente do «Janeiro», nesta cidade. Era simples e generoso. Passou na sua terra todos os postos de acesso e, jámais esta o desviára da sua intimidade e do seu coração.

Tempos idos elle tivera relevo impresso no vigor e na sinceridade das suas correspondencias. O caso Agra pela sua calorosa defeza e pertinaz investigação da verdade valeu-lhe inimizades e polemicas que elle sustentou, com exito, em diferentes campos.

Na phase ultima da sua vida o capitão infante perdera na sua actividade de espirito. Era já um doente. Nunca, porem a sua alma se deixára de commover, e, bom e simples como era, morreu com pezar geral.

O seu enterro realisou-se segunda-feira, pelas 6 horas da tarde, com larga concorrência de civis e militares. O caixão era levado em carreta coberto pela bandeira do regimento.

Junto ao coval falou um sargento e cabo enaltecendo a bondade do morto para com os seus subordinados.

Tambem falleceu repentinamente a snr. D. Ignacia Deolinda Cardozo de Lemos esposa do commerciante desta praça snr. Francisco Agostinho Cardozo de Lemos.

Falleceu igualmente a esposa do industrial desta cidade snr. Eduardo da Silva Guimarães.

Ao enterro assistiu a corporação dos Bombeiros Voluntarios. O nosso sentir ás familias doridas.

O Alferes José Faria não podendo despedir-se de todas as pessoas das suas relações e amizade, fa-lo por este meio protestando toda a sua infinita gratidão e offerecendo os seus serviços na Guarda.

As touradas das Festas

E' deveras sumptuoso o *cartel* das duas magnificas corridas de 5 e 6 d'Agosto em Guimarães, organisadas pela Empreza do Campo Pequeno. Eis o programma completo

DIA 5:

Cavalleiros: Morgado de Covas e José Bento d'Araujo.

Bandarilheiros: Theodoro Gonçalves, Francisco Xavier, Alfredo dos Santos, Alexandre Vieira, Custodio Domingos e o valente *novilheiro* Antonio Tugillo, Malagueño.

DIA 6:

E' á *Antiga Portuguesa* e revestirá o maior luxo e imponencia.

São 4 os *cavalleiros*: Morgado, José Bento, e os distinctissimos amadores João Marcellino e Mario Moreira.

Bandarilheiros: os mesmos da corrida antecedente.

Neto: o notavel cavalleiro-amador, snr. Plinio Alberto.

Pagens: 2 creanças ricamente vestidas.

Charamelleiros: são 6 e montarão em cavallos brancos.

Em ambas as tardes lidam-se 16 bravissimos touros do opulento ganadero de Vendas Novas, ex.^{ma} snr. Francisco da Silva Victorino.

Os bilhetes estão ha venda e têm ido uma larga procura.

ALVORADA

SALGADO

RUA 31 DE JANEIRO—CUIMARAES

Completo sortido de fazendas brancas, miudezas e fazendas de moda

Variedade em colletes d'espartilhos da casa Santos Mattos (fabricantes)

Chá preto e verde de superior qualidade

Vinhos finos da casa Ferreirinha que se vendem por os preços da tabella

Um grande sortido de bordados que se vendem a pezo. Peugas, suspensorios e gravatas para homem e creança. Sabonetes e perfumarias finas.

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 31—A—, junto á Praça de S. Thiago, a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

PHOTOGRAPHIA CARVALHO

GUIMARÃES

José dos Santos Carvalho participa aos seus ex.^{mos} amigos e freguezes que tomou a direcção technica do novo e luxuoso atelier á rua de Payo Galvão, 98, junto ao edificio dos Bombeiros Voluntarios, construido segundo todas as regras da arte e dotado dos melhores aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes photographicos para medalhas, perfeitos e eternos — Retratos em porcellana

Retratos réclame desde 600 reis a duzia — Ampliações inalteraveis desde 2\$000 réis.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados etc., etc.

Quem deseje adquirir um bom retrato a preços que ninguem pôde egular, não hesite em procurar sempre esta casa. Opera-se com todo o tempo.

NOTA: De harmonia com a lei do descanso semanal, esta photographia acha-se encerrada ás segundas-feiras

Casa High-Life

93, Rua da Rainha, 97

CHAPEUS PARA SENHORA E CREANÇA

(Ultimos modelos)

Exposição permanente no 1.º andar

Malas de mão (Bolsas)

LEQUES, muita novidade

Camisaria, Gravataria, Espartilhos e artigos de bordar

Deposito de luvas em todas as qualidades

— PREÇOS FIXOS —



Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios

DEPOSITO DE MALAS

VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura

Preço das publicações

Anno 1\$200 rs.

Annuncios e comunicados, por

Semestre 600 "

linha 40 rs

Brazil, anno (moeda forte) 2\$500 "

Repetição, por linha 20 "

Numero avulso 20 "

Permanentes, contracto convencional.

Annuncios, não judiciaes, para os surs. assignantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Ex.^{mo} Snr.